

**Jorge Natal**  
**autor e organizador**

**O DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO RECENTE**

**Da crítica da economia política ao  
planejamento urbano e regional crítico**

**Autores colaboradores:**

*Eduardo N. Stotz*

*Helcio de Medeiros Jr.*

*Priscila G. Pereira*



À minha amiga e irmã,  
Sandra Mara Natal Sforzin.

Aos meus netos,  
Arthur e Vinícius.

À minha amiga e parceira das lides acadêmicas,  
Priscila Góes Pereira.  
(*in memoriam*)

Aos professores:  
Carlos Lessa, Hermes Magalhães Tavares,  
Maria da Conceição Tavares,  
Rosélia Piquet e Wilson Cano.

Copyright © Jorge Natal, 2020

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Luiz Guimarães

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Paulo Dias

REVISÃO: Rita Luppi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

N224d

Natal, Jorge

O desenvolvimento brasileiro recente: da crítica da economia política ao planejamento urbano e regional crítico / Autor e organizador Jorge Natal; autores colaboradores: Eduardo N. Stotz, Helcio de Medeiros Jr., Priscila G. Pereira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

280 p. ; 14x21cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-990166-5-3

1. Planejamento urbano - Brasil. 2. Brasil - Condições econômicas. I. Stotz, Eduardo N. II. Medeiros Jr., Helcio de. III. Pereira, Priscila G. IV. Título.

20-64010

CDD: 330.981

CDU: 330(81)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA  
Telefax: (21) 3553-2236/2215-3781  
*letracapital@letracapital.com.br*

*“As notícias são palavras,  
nunca se chega bem a saber se palavras são notícias .”*

José Saramago

*“Seria uma atitude muito ingênua esperar que  
as classes dominantes desenvolvessem uma  
forma de educação que permitisse às classes dominadas  
perceberem as injustiças sociais de modo crítico.”*

Paulo Freire



## SUMÁRIO

**Apresentação - 9**

**Introdução - 11**

### **PARTE 1**

#### MACROTRANSFORMAÇÕES RECENTES DO CAPITALISMO MUNDIAL

Capítulo I

##### **Liberalismo, neoliberalismo e capitalismo**

– notas sobre lutas ideológicas e afirmações hegemônicas – 18

Capítulo II

##### **Mudanças recentes do capitalismo mundial e brasileiro**

– algumas notas – 52

### **PARTE 2**

BRASIL E REFORMAS INSTITUCIONAIS: o rolo compressor dos  
neoliberais e dos “escravocratas” brasileiros

Capítulo III

##### **A revisão constitucional brasileira de 1994**

– memórias de um ensaio conservador – 78

Capítulo IV

##### **Reforma trabalhista e dinamização econômica no Brasil**

– a crítica de uma abordagem teórica socialmente perversa e  
economicamente danosa – 100

### **PARTE 3**

DESENVOLVIMENTO LOCAL: parte da academia do campo da  
espaçologia/planejamento urbano encampa o *mainstream*

#### Capítulo V

##### **A que vem o desenvolvimento local?**

– um aporte à luz da crítica da economia política  
e de uma práxis transescalar – 132

#### Capítulo VI

##### **Desenvolvimento local**

– ou sobre exegeses ideológicas, lutas hegemônicas  
e descaminhos societários – 164

### **PARTE 4**

POR FALAR NA ESCOLA DE ECONOMIA DA UNICAMP

#### Capítulo VII

##### **Notas sobre um homem e intelectual ímpar**

– uma homenagem ao professor Wilson Cano – 196

#### Capítulo VIII

##### **Desenvolvimento econômico no Brasil**

– estudo ocioso ou necessidade urgente? – 218

### **PARTE 5**

REFLEXÕES SOBRE O RIO

#### Capítulo IX

##### **Um ensaio sobre o Rio de Janeiro**

– história, atualidade e possíveis futuros – 248

**BREVÍSSIMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS - 281**

**OS AUTORES - 283**



## **Apresentação**

O professor Jorge Natal brinda o leitor deste seu novo livro com mais um conjunto de desafiantes reflexões sobre o desenvolvimento brasileiro recente em sua interação com o mundo. Para tal, ele reúne duas “pontas” da sua já longa e tematicamente diversificada trajetória de professor e pesquisador universitário, a saber: a de economista formado na tradição da economia política (desde a segunda metade dos anos 1970) e a adquirida no campo crítico do planejamento urbano e regional (campo esse que ele “abraçou” em meados dos anos 1990).

É amparando-se nas duas pontas supramencionadas – às vezes simultaneamente e às vezes isoladamente – que ele examina: as macrotransformações recentes do capitalismo mundial e algumas das suas expressões no Brasil, nelas sublinhando o papel crucial das práxis neoliberais em curso aqui e alhures nos últimos 40 anos; as reformas institucionais iniciadas com a chamada revisão constitucional de 1994 e avançadas com a reforma trabalhista aprovada em 2017, já sob o governo Michel Temer, que evidenciam o acúmulo de forças – desde os anos 1990 – das referidas práxis neoliberais no país; o agigantamento do tema desenvolvimento local, tema esse tão recorrente quanto eivado de pretensões hegemônicas, também desde os anos 1990, no que trata do campo da espaçologia/planejamento urbano e regional, o que evidencia sua contraposição, ainda que por vezes nuançada, face o tema clássico do desenvolvimento – tema esse tão caro aos economistas formados na tradição histórico-estruturalista; as contribuições do professor Wilson Cano, mestre do professor Natal e um dos autores decisivos para que ele próprio passasse efetivamente a se interessar pelos estudos regionais, bem como as da Escola de Economia da

Unicamp, à qual pertence o referido professor Cano, de sorte a resgatar seus aportes críticos e fundamentais acerca da temática do desenvolvimento, temática essa que, defende o autor, interage com a própria questão regional brasileira; e, por fim, de maneira a complementar esse seu “mergulho” no campo dos estudos regionais, o professor Natal escreve um instigante capítulo sobre a cidade do Rio de Janeiro, procurando demarcar suas periodizações históricas, sua contemporaneidade e seus possíveis devires. E, quiçá mais importante, aponta que o soerguimento do Rio, pela sua relevância nacional, mesmo nos dias de hoje, tenderia a ser decisivo para o próprio Brasil.

O que se anotou antes é apenas um sucinto painel das várias entradas analíticas presentes no livro do professor Jorge Natal que, como o leitor constatará, alia pelo menos três grandes virtudes: formação teórica sólida, conhecimento histórico seguro (sobre o capitalismo brasileiro e mundial) e facilidade em articulá-los de maneira extremamente didática. Nesses termos, tanto os economistas quanto os planejadores urbanos e regionais, bem como os demais profissionais formados em outras tradições disciplinares em busca de uma visão mais integrada e multidisciplinar da formação social brasileira encontrarão no livro “um guia” extraordinário para a apreensão crítica de alguns dos seus intrincados problemas contemporâneos...

Enfim, boa leitura!

O Editor  
(Rio de Janeiro, 30/12/2019)

## Introdução

Embora haja uma série de assuntos a atazanar intelectualmente a cabeça deste escriba – de maneira saudável, diga-se –, entendo que o presente livro traz à baila como pano de fundo um mesmo e recorrente temário da minha já longa vida acadêmica: o da formação social brasileira em si e a da sua inscrição no mundo. Por causa disso, eu diria que o conjunto de artigos que o compõe, aqui transformados em capítulos, possui unidade analítica teórico-metodológica; e mais: que esses mesmos capítulos expressam parcela expressiva da minha trajetória intelectual, notadamente à dos últimos 30 anos.

Foi assim que me propus, junto com o professor Eduardo Stotz, a examinar o temário *liberalismo, neoliberalismo e capitalismo*, analisando tanto a trajetória histórico-reflexiva acerca das duas referências iniciais, nos marcos do referido modo de organização da vida social (a terceira referência), quanto seu sentido maior, qual seja: o de não apenas disputar os rumos históricos da sociedade em tela, como afirmar-se de modo hegemônico. É dizer: tolher qualquer possibilidade do aparecimento com “peso” societário de visão de mundo alternativa que possa/pudesse contraditá-la. Nesses termos, defende-se que o liberalismo revisitado enquanto neoliberalismo não é mera e abstrata expressão, e sim que ele é indispensável para a afirmação, nos últimos 40 anos (aproximadamente), de um capitalismo verdadeiramente totalitário com a imensa maioria da humanidade – é dizer, não apenas com os trabalhadores, mas também com inúmeros estratos sociais, como o são as chamadas classes médias, os pequenos e médios empresários etc.

Passo seguinte, fechando a Parte 1 do livro, a das “Macrotransformações do Capitalismo Mundial”, elas são discutidas em si,

como estendidas para algumas das suas expressões em terras brasileiras. No capítulo intitulado “Mudanças recentes do capitalismo mundial e brasileiro” chama-se atenção para aspectos como o advento da Terceira Revolução Científica e Tecnológica (de base informacional, lastreada na microeletrônica), a nomeada financeirização da riqueza (pelos economistas pós-keynesianos) e o neoliberalismo (dada as mudanças então perpetradas no que tange ao papel do Estado). Defende-se assim que o mundo contemporâneo é ininteligível sem a devida consideração dessas três dimensões, imbricadas, do capitalismo hodierno. Chama-se atenção ainda para o fato desse amplo e complexo processo poder ser apreendido nas mudanças em curso nos territórios de diversos países do mundo – é trivial, Brasil incluso; de outra forma, aponta-se que essas macrotransformações alcançam diversos espaços nacionais mundo afora, tornando-os desse modo peças indispensáveis da reprodução ampliada do capital – daí aspectos como “ilhas de excelência”, fragmentação político-institucional (com sérios desdobramentos federativos) etc. serem “apenas” expressões desses novos tempos, insistindo, Brasil dentro.

Na Parte 2 do livro, “Brasil e Reformas Institucionais”, resgata-se inicialmente parte do debate revisional da Constituição de 1988, ocorrido em 1993-94, no qual muito do que se viveu no Brasil dos dias que se seguiram nos anos 1990 e, especialmente, vive-se nos de hoje, lá estavam/estão presentes; qual seja: a disputa travada entre os favoráveis às práxis liberalizantes ou pró-mercado e os que a elas se antepunham. Naquele contexto, os neoliberais não lograram êxito por conta da existência de vigorosos constrangimentos internos, mas passados alguns anos, como se sabe, eles acabaram obtendo vitórias importantes. Em suma, eles obtiveram êxitos particularmente quando da presidência do senhor Fernando Henrique Cardoso e, no momento, por conta da força política e social adquirida pelos que sob esse discurso-credo provocaram a ruptura

institucional de 2016. Uma das expressões do anotado, senão a principal, é a *reforma trabalhista recém-aprovada (2017)*, embasada no argumento de que ela contribuiria para a recuperação do emprego e da renda nacional. Tendo-a em vista, ela é examinada teoricamente no Capítulo IV. Nele, mostra-se que a base teórica implícita, de corte neoclássico, é seriamente contraditada, quer do ponto de vista da análise econômica quer do ponto de vista dos seus desdobramentos societários, pela abordagem de mestres do pensamento econômico como o são o burguês Keynes e o “marxista” Kalecki. Enfim: defende-se que essa reforma seria um engodo na medida em que ela não tem como contribuir para o aumento do emprego e da renda nacional, e muito menos, no tempo, sequer para o crescimento da massa de lucros...

Na Parte 3 do livro, nomeada “Desenvolvimento Local (DL) – parte da academia do campo da espaçoologia/planejamento urbano encampa o *mainstream*, constam igualmente dois capítulos. No primeiro (V), escrito em parceria com Priscila Góes Pereira, “A que vem o desenvolvimento local: um aporte à luz da crítica da economia política e de uma práxis transescalar”, defende-se que ele é uma das peças do arsenal teórico enfeixado no termo Globalização Neoliberal. Uma dessas expressões é a sua rejeição a qualquer discussão acerca do binômio Estado-Projeto Nacional de Desenvolvimento. Nesses termos assevera-se que ele é marcadamente antípoda à imensa maioria das análises dos economistas que ocupam lugar de destaque na chamada História do Pensamento Econômico – com a exceção notória dos neoclássicos. Embora ignorados pelos delistas, mostra-se ainda que nem todos os economistas são “tão macros” como acusam os referidos partidários do DL, posto existirem aqueles que pensam a temática do desenvolvimento em dados lugares microrrecortados. Por outro lado, corretamente, os pioneiros do tema em tela defendem que o desenvolvimento econômico do